

CICLO DE CINEMA

3 NOV 17:00



**DOMINGOS NA CASA DO CINEMA
MANOEL DE OLIVEIRA
E O CINEMA PORTUGUÊS 2**

O BOBO

SESSÃO 24

3 NOV, 17:00

O BOBO, 1987

Realização: José Álvaro Morais

Produção: António da Cunha Telles

Argumento: José Álvaro Morais e Rafael Godinho, baseado no romance de Alexandre Herculano

Direção de fotografia: Mário de Carvalho e Octávio Espírito Santo

Montagem: José Nascimento e Luís Sobral

Direção de arte: Jasmim de Matos

Caraterização: Maria Gonzaga, Alda Matos e Paula Raimundo

Direção de som: Joaquim Pedro Jacobetty e Vasco Pimentel

Música: Pedro Caldeira Cabral, Carlos de Azevedo e Carlos Zíngaro

Interpretação: Fernando Heitor (Francisco Bernardes / Dom Bibas), Paula Guedes (Rita Portugal), Luís Lucas (João), Luis Miguel Cintra (conde de Trava), Raúl Solnado (Inspetor Aranha), Adelaide João (mulher na taberna), José Eduardo (Orlando), Joaquim Leitão (Camilo), José Maria Vaz da Silva e Margarida Vila-Nova (equipa de filmagem), Virgílio Castelo (soldado), Pedro Efe (dono do quiosque), Rogério Samora (Jorge), Isabel Ruth (Ilda / Dona Teresa), Carlos Zíngaro (violinista), Vasco Pimentel (pianista), António Alçada Baptista (advogado), Henrique Espírito Santo (Sr. Valentim), Rão Kyao (Gonçalo Mendes da Maia 'Lidador'), António Variações (barbeiro) e Jasmim de Matos.

Produção: Animatógrafo, Fundação Calouste Gulbenkian e Instituto Português de Cinema

Cópia: 35mm, cor, a exhibir em formato DCP

Duração: 120 minutos

Estreia: 31 de outubro de 1987, Cinemateca Portuguesa

País: Portugal



COM A APRESENTAÇÃO DE TIAGO BARTOLOMEU COSTA

Tiago Bartolomeu Costa (Caldas da Rainha, n. 1979) é um crítico, investigador, programador e gestor cultural português. Licenciado em Programação e Produção Cultural pela Escola Superior de Artes e Design do Politécnico de Leiria, com uma Especialização em Estudos de Teatro pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, e doutorando em Artes e Imagem em Movimento na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Crítico, investigador, programador e gestor cultural, fundou e dirigiu a publicação *Obscena - Revista de Artes Performativas* (2007-2012) e colaborou com a secção de cultura do jornal *PÚBLICO* (2005-2016). Assina, regularmente, artigos, ensaios e capítulos em publicações da especialidade. É autor de *Tiago Guedes: valse à six temps* (Centre Pompidou-Metz, 2011) e de *O Cego que Atravessou Montanhas: conversas com Luís Miguel Cintra* (Orfeu Negro, 2016); coordenou a edição de *Corpo de Cordas: 25 anos da Companhia Paulo Ribeiro* (Companhia Paulo Ribeiro, 2011) e de três edições de *Cadernos do Rivoli - n.º 7, 8 e 9* (Teatro Municipal do Porto, 2021-2022). Comissariou os ciclos «Pensar a Criação Contemporânea»

(Culturgest, 2007), «Mais Um Dia» (São Luiz Teatro Municipal, 2022), «Curso Livre de Cultura» (São Luiz Teatro Municipal, 2022-2023), «Ponto de Situação» (São Luiz Teatro Municipal, 2022-2023), bem como as exposições *48 Memórias* (São Luiz Teatro Municipal, 2022), *Augusto Cabrita, o Olhar Encantado* (Curtas de Vila do Conde e Biblioteca de Marvila, 2023-2024), *Geografias de Ficção* (CineEco/Galeria Municipal de Arte de Seia, 2023), *ANIMar 19* (Solar - Galeria de Arte Cinemática, 2024), *António Campos* (M|I|MO - Museu da Imagem em Movimento, 2024) e *Quem és tu? Um Teatro Nacional a olhar para o país* (Teatro Nacional D. Maria II/Museu Nacional do Teatro e da Dança, 2023-2024). Foi consultor de programação para o Théâtre de la Ville de Paris (Festival Chantiers d'Europe, 2013-2016), adjunto para a programação internacional do São Luiz Teatro Municipal (2014-2016), assessor no Ministério da Cultura, nos gabinetes do secretário de Estado e da ministra da Cultura (2016-2019) e coordenador do projeto FILMar para a Cinemateca Portuguesa - Museu do Cinema (2021-2024).

O BOBO

O Bobo situa-se algures entre a revisitação do género do filme histórico e a investigação sobre as raízes culturais do mal-estar identitário que marcou boa parte do cinema português dos anos oitenta. O primeiro filme de José Álvaro Morais, fruto de uma produção difícil que se arrastou ao longo de quase uma década, inspira-se muito livremente na peça de teatro homónima de Alexandre Herculano, cujos ensaios decorrem em paralelo com uma intriga política vivida em 1978, na ressaca do PREC. O filme parece comungar do sentido de dever expresso pelo historiador quando declarava que era sobretudo nos períodos de maior decadência que mais se devia recordar o passado. A alternância entre as duas linhas narrativas será o mecanismo através do qual *O Bobo* vai estimular um entendimento recíproco de dois momentos centrais da história de Portugal: a fundação da nacionalidade e o final do império, precipitado pela Revolução de 1974.

O espaço onde decorre a adaptação teatral não é indiferente. *O Bobo* seria encenado no principal estúdio de cinema da história do cinema português, local onde foram rodados os interiores de praticamente todos os filmes portugueses depois dos anos quarenta. O cinema português dos anos quarenta e cinquenta é aliás caricaturado no filme que ali está a ser rodado ao mesmo tempo que decorrem os ensaios de *O Bobo*. O *pastiche* dos cenários do tempo do "cinema do Fundo" ironiza sobre a falta de originalidade daqueles filmes que, como os seus cenários, eram todos iguais. O filme e a peça estão ligados não só pelo estúdio que partilham, mas também por um casal: Rita Portugal, a protagonista feminina do filme, é a companheira de Chico, o

encenador da peça. O casal protagoniza a linha narrativa que correrá paralelamente aos trechos da peça (com uma encenação muito moderna, como se vai percebendo ao longo do filme) e que envolve a venda de armas pertencentes a um movimento de extrema-esquerda entretanto extinto. O facto de João, velho amigo do casal que chega inesperadamente do estrangeiro para concluir o negócio, se dispor a vender as armas a um grupo de direita vai dividir o casal: Rita considera que se trata de uma traição póstuma à revolução; e Chico defende o amigo acreditando que ele deve estar a ser chantageado, suposição mais tarde confirmada.

A alternância entre a peça e esta intriga coloca par a par um momento mítico da história do país (a sua fundação por Afonso Henriques) com outro traumático (o processo revolucionário que pôs fim à ditadura). Apesar das suas diferenças, e dos vários séculos que os separam, os dois momentos históricos significaram ruturas violentas com o passado. Essas ruturas são representadas em *O Bobo* por duas mortes: na peça, pela morte da donzela portuguesa obrigada a casar com o inimigo espanhol; na intriga de 1978, pela morte de João, o antigo revolucionário que vende armas à direita. Ambos são inocentes que foram erradamente tomados por traidores. Ambos oferecem, com a sua morte, o sacrifício absurdo exigido pela transição política em curso.

Tiago Baptista
(in *A Invenção do Cinema Português*, 2008, Lisboa, Tinta-da-china)

LOST AND FOUND: O BOBO

O cineasta português José Álvaro Morais (1945-2004) é pouco conhecido fora do seu país natal. Formado como realizador na escola ENSAS de Bruxelas, estreou-se na realização de longas-metragens em 1976: *Ma femme chamado Bicho*, um documentário sobre o casal de artistas Maria Elena Vieira da Silva e Arpad Szenes. O primeiro filme de ficção de Morais foi *O Bobo*, que começou a realizar no final da década de 1970. A produção foi interrompida várias vezes por falta de financiamento, e o filme só viu a luz do dia no Festival de Locarno de 1987, onde ganhou o Leopardo de Ouro. Em 1994, terminou a curta-metragem experimental *Zéfiro* e, finalmente, em 2000, estreou uma nova longa-metragem de ficção, *Peixe Lua*. A sua última longa-metragem, *Quaresma*, foi apresentada em 2003 na Quinzena dos Realizadores em Cannes. No entanto, quando Morais começava a ser reconhecido internacionalmente, a sua morte prematura pôs fim à sua carreira. Todos os seus filmes revelam as qualidades de um artista original e exigente, mas *O Bobo*, apesar de ser um filme "difícil", é de longe o mais rico e quase perfeito.

A "dificuldade" deste filme reside não só na linguagem cinematográfica utilizada (que é também um dos seus principais pontos fortes), mas também no tema extremamente complexo. O enquadramento narrativo é a "noite branca" passada em Lisboa por Francisco (Fernando Heitor) e a sua namorada Rita, em 1978, no final de um dia em que João, amigo de infância de Francisco, é assassinado. Durante a ditadura, João pertencia a um grupo subversivo de esquerda, mas apenas quatro anos após a revolução perdeu todos os seus ideais

e procura vender armas a misteriosos clientes fascistas. Esta complexa história, com as suas múltiplas ramificações, mistura-se com os ensaios de uma peça que Francisco encena e na qual interpreta o papel principal: *O Bobo*, adaptado de um romance histórico do século XIX, de Alexandre Herculano, e que relata a ascensão de D. Afonso Henriques, o primeiro rei de Portugal.

As cenas da peça constituem uma parte importante do filme, mas não são apenas um elemento acessório. De uma forma subtil, o realizador cria ligações entre a história "real" e a fictícia, com as emoções produzidas por ambas a entrarem numa corrente comum. As três personagens principais sonham em deixar Portugal, que lhes parece uma gaiola estreita, mas são apanhadas pelo destino do seu país, cuja origem é precisamente o momento histórico retratado na peça.

Os paralelismos apontam também para a ambiguidade das personagens "reais". Francisco parece suportar a sua vida passivamente, mas na peça tem o papel do Bobo, que determina toda a ação. Rita considera João um traidor, enquanto na peça D. Teresa - que se recusa a ceder o poder ao filho, o herdeiro legítimo - também poderia ser considerada como tal. Mas D. Teresa torna o seu comportamento - e talvez o de João também - mais misterioso quando confessa ao Bobo que acredita no destino de D. Afonso Henriques, mas quer que ele conquiste o poder através de batalhas para ser respeitado pelo povo.

Do mesmo modo, a morte da ambígua heroína Dulce - santa ou traidora? - ocorre em simultâneo com o assassinato, nos bastidores, de João, cujo carácter moral também permanece misterioso. Francisco retoma esta relação metafísica entre ficção

e realidade (que constitui uma grande parte da identidade portuguesa) quando diz, numa frase que não seria desmentida pelo grande poeta português Fernando Pessoa, “Lisboa existe porque a inventámos”.

A linguagem cinematográfica muito pessoal de Morais, que continuaria a utilizar nos seus filmes seguintes, corresponde perfeitamente a estes temas. O aspeto mais marcante é uma construção narrativa que, através de uma montagem muito subtil, faz o espectador deslizar do passado para o presente, da ficção para a realidade, transformando-os numa única esfera de existência. Isto cria uma impressão de movimento incessante, mesmo quando, como é frequente, o plano mantém o enquadramento original. Uma exceção notável são as sequências de peças de teatro, onde há um grande movimento de câmara, mas este é um contraponto à condição estática da arte dramática – e uma forma de transformar as cenas teatrais em cinema.

Um dos movimentos de câmara mais marcantes leva-nos do palco – onde Dulce ensaia – para as alas, onde um inspetor da polícia chama Francisco para uma conversa tensa, enquanto o som do ensaio continua. Morais é capaz de compor planos de uma grande beleza plástica, mas a qualidade estética serve sempre a expressão de uma emoção ou de uma ideia, como na imagem repetitiva das rodas do comboio a rolar ao longo da costa, do Estoril a Lisboa, ou no movimento final da câmara que nos leva do largo da igreja ao amanhecer, onde Francisco e Rita acabaram por se encontrar com um grupo de marinheiros embriagados, até ao portal para lá do qual se vislumbra o rio Tejo e a ponte.

As obras de José Álvaro Morais representam a experimentação formal

e a crença no cinema como arte independente, características do cinema europeu dos anos sessenta e setenta. De certa forma, o mesmo se aplica ao cinema português até à atualidade. Com a sua linguagem complexa, a sua exploração da história e da identidade cultural, e o seu jogo com a ambiguidade do tempo e da realidade, *O Bobo* tem o seu lugar numa lista de grandes filmes portugueses, incluindo *Um adeus português* (1986) de João Botelho, *NON* (1990) de Manoel de Oliveira e o recente *Aquele Querido Mês de Agosto* (1990) de Miguel Gomes, todos eles também a contar entre os grandes filmes do cinema mundial.

Eugène Green

(texto traduzido de “Lost and Found: O Bobo”, *Sight and Sound*, 2012)

PRÓXIMAS SESSÕES

10 NOV | DOM | 17:00

VISITA OU MEMÓRIAS E CONFISSÕES

Manoel de Oliveira | 1982 | 68'

17 NOV | DOM | 17:00

NON OU A VÃ GLÓRIA DE MANDAR

Manoel de Oliveira | 1990' | 108'

www.serralves.pt

 /fundacao_serralves

 /fundacaoserralves

 /fundacaoserralves

 /serralves

Fundação de Serralves

Rua D. João de Castro, 210
4150-417 Porto – Portugal

serralves@serralves.pt

Linhas gerais:
(+351) 808 200 543
(+351) 226 156 500

Chamadas para a rede
fixa nacional.



Apoio institucional

